

A mesma escola é derrotada numa segunda rebelião, em 1897. Hável negociador, em menos de três meses, resolve a velha questão dos limites entre Brasil e Argentina, em fevereiro de 1895. No mês seguinte, em outra ação diplomática importante, reata as relações com Portugal, interrompidas pelo governo de Floriano Peixoto.

De quebra, o ex-presidente da Câmara Municipal de Piracicaba pacifica o Rio Grande do Sul, convulsionado pela revolução do partido federalista. Em outra ação enérgica, faz com que os ingleses abandonem a ilha de Trindade, em agosto de 1896.

SLYDES

Branco e preto
ou a cores,
reprodução de
slydes,
de livros,
plantas, fotos.

Spavietti

33-5255

Doente, pede afastamento do cargo, passando o poder ao seu vice-presidente, Manoel Vitorino — no caso atual, Sarney assumiu um cargo vago por um morto. Ambicioso, Vitorino tenta um golpe de estado, ao pedir o afastamento permanente de Prudente de Moraes. Nessa época, pega fogo, no sertão baiano, o movimento promovido pelo fanático Antonio Conselheiro que desafia os latifundiários estabelece uma comunidade alternativa.

Vitorino, que era baiano, vê no episódio a chance de consolidar-se no poder e envia 500 homens do Exército, em novembro de 1896, para destruir Canudos. A missão fracassa. Ele envia, pela segunda vez, mil homens. Novo fracasso.

Em meio ao movimento, o sagaz Prudente de Moraes reassume a Presidência da República e envia a terceira expedição contra Antonio Conselheiro, com seis mil homens, que também sofrem revés. Um quarta expedição sob a chefia do ministro da Guerra, é que praticamente arrasa o reduto de Conselheiro, já morto, em outubro de 1897.

ESTADO DE SÍTIO

No regresso dos soldados, Prudente quis estar presente ao desembarque. Seus adversários políticos, inconformados com a vitória sobre Canudos, conspiram contra ele, aclamando o marechal Floriano Peixoto. Naquele momento, o

cabo do Exército Marcelino Bispo investe contra o presidente da República, empunhando uma garrucha. Aperta o gatilho três vezes, mas a arma nega fogo. O marechal Machado Bittencourt vai em defesa de Prudente de Moraes, mas morre apunhalado pelo criminoso. Outros atentados acontecem, mas todos são frustrados.

Rápido e inteligente na ação política, Prudente de Moraes evitou que seus inimigos tomassem o governo. Quando pensavam em vê-lo diminuído, ele se dignificava perante o povo e à Nação. Uma articulação golpista faz com que o presidente civil declare estado de sítio para o Distrito Federal de Niterói. A medida foi solicitada e obtida do Congresso Nacional.

Em novembro de 1898, passa o governo a Campos Salles. Deixa o Palácio do Catete em direção à pensão Beethoven, onde permanece até regressar a São Paulo. No caminho, a multidão o aclama. Quatro dias depois, deixa a pensão para regressar a sua fazenda em Piracicaba. As manifestações voltam a se repetir, em São Paulo. Em Piracicaba, as manifestações prolongaram-se por três dias.

Aqui, monta nova banca de advogado, porém, com pouca saúde. Seu estado de saúde agravava-se em 1901 e vai a Cambuquira, no sul de Minas, tratar-se. Seu estado melhora e ele retorna a Piracicaba, onde viria a morrer no dia 3 de dezembro de 1902.

Salgot, o prefeito cassado pelo AI-5

A história política de Piracicaba é bastante significativa. Ela está recheada de episódios dramáticos, emocionantes, alegres, tristes e alguns até inesquecíveis. Entre o gênero dos emocionantes, pode-se classificar a trajetória política de Prudente de Moraes, que saiu da Presidência da Câmara Municipal, para chegar à Presidência da República, ainda na época da consolidação da República. Entre os dramáticos, há um episódio sobre o qual se calou durante muitos anos, que constava apenas da roda dos íntimos e amigos mais próximos: a cassação pelo AI-5 do então prefeito de Piracicaba, Francisco Salgot Castillon, hoje presidente do Diretório Municipal do PFL.

Então filiado à União Democrática Nacional (UDN) — o mesmo partido que abrigou então o jovem deputado José Sarney, membro da "banda udenista" (ala política que mais fazia barulho no Congresso) —, Salgot foi eleito para a Prefeitura em 1959, assu-



Paulo A. Tibério

"Os inimigos de ontem não são os inimigos de hoje"

mindu no ano seguinte. Em 1963, é eleito para a Assembléia Legislativa, sendo reconduzido a esta mesma cadeira nas eleições de 1966.

Em 1968, quando o mundo é sacu-

dido por uma onda renovadora, logo sufocada pelos ditadores, Salgot é reeleito para a Prefeitura. Seu mandato dura muito pouco: em outubro de 1969 é

cassado, com base no Ato Institucional nº 5, tendo seus direitos políticos totalmente cassados por dez anos.

Salgot Castillon, que não se afastou da política, lembra que, quando tomou posse, já esperava a cassação. Em janeiro de 68, um mês após a promulgação do AI-5, o assunto preferido nas rodas políticas era a possibilidade de o prefeito de Piracicaba ser cassado. As previsões não falharam. Estranhamente.

No dia de sua diplomação no Fórum Municipal, Salgot ouviu de alguns amigos que seus adversários políticos articulavam-se para impedir sua posse. Muitos deles tinha fortes ligações com o Exército. Melhor dizendo: com o quartel do 5º Gecam, (Grupo de Artilharia de Companhia) em Campinas.

"A cassação era sumamente injusta, porque não dava direito à defesa", recorda Salgot, para quem, na época, houve um complô bem articulado entre diferentes alas políticas da cidade, "principalmente entre a turma mais abonada, que não admitia que fosse reeleito tantas vezes".

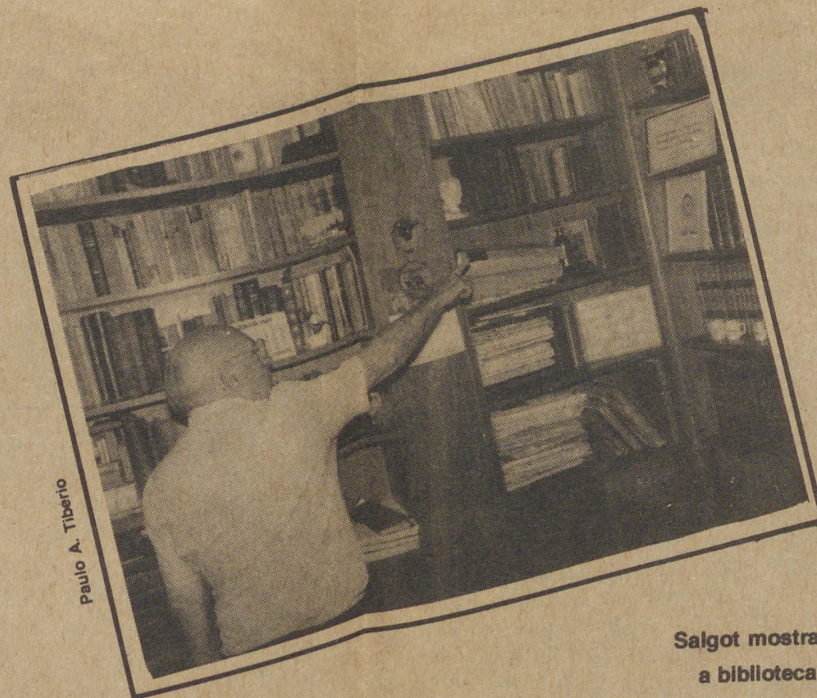
"Eu tinha a confiança do povo", conta ele. "Era solidário com os trabalhadores em algumas greves — o que deixou os patrões bastante desgostosos, como foi o caso dos ferroviários, meta-

lúrgicos e dos têxteis. Como mantinha fortes ligações com os trabalhadores, eles próprios procuravam o prefeito para ajudá-los, porque sempre enfrentavam problemas com a polícia". O estilo de administrar lhe valeu a qualificação de demagogo, por alguns setores locais.

Salgot não hesita em apontar os responsáveis por sua cassação: o então Movimento Democrático Brasileiro (MDB), hoje o PMDB, partido majoritário na Constituinte e no governo. Nas eleições de 68, Salgot, então membro da Arena (Aliança Renovadora Nacional), derrotou o candidato do MDB, João Guidotti. "Foi o MDB de então que foi aos quartéis para nos entregar. Eles representavam o lado reacionários e não o partido popular", dispara ele.

"À PAISANA"

Em outubro de 1970, um ano depois de sua cassação, Salgot é preso. Embora não se recorde exatamente da data — "era a época de Finados" —, lembra a chegada dos dois militares, "bastante fortes e altos", que se identificaram como um sargento e um tenente do Exército, acompanhados por um investigador do DOPS. Todos estavam à paisana e armados.,



Paulo A. Tibério

**Salgot mostra
a biblioteca,
que foi revirada
pelos militares.**

Ao abrir a porta de sua residência, um dos militares forçou a entrada com os pés. Alegavam que ele precisava ser

ouvido num inquérito. Salgot tentou adiar sua ida a Campinas, sem sucesso. O político piracicabano pediu aos milita-

res que o forçou a entrada com os pés. Alegavam que ele precisava ser ouvido num inquérito. Salgot tentou adiar sua ida a Campinas, sem sucesso. O político piracicabano pediu aos militares que o aguardassem na biblioteca de sua casa, enquanto ele e sua mulher, Ladice Soriano Castillon, arrumavam a bagagem. Os militares vistoriaram toda a biblioteca, fazendo anotações, principalmente sobre publicações como "Porque os ricos não fazem greve" e "Guerra e Guerrilhas".

O momento foi dramático, relembra o político, que temia pela vida. "Mas o pior mesmo foi com a família (a mulher e seus dois filhos). Foi um desespero", diz ele.

BELICHE QUEBRADO

Os militares levaram Salgot, num veículo da Bosch, não diretamente para Campinas. Ele foi deixado no Plantão Policial, enquanto os militares partiam em busca de um estudante e de um ex-presidente de Dietório Acadêmico da Engenharia, na cidade de Taubaté. Não encontraram nenhum dos dois.

Salgot Castillon foi preso juntamente com o atual prefeito de Limeira, Jurandyr Paixão sete outros políticos das cidades de Rio Claro, Americana, Leme

e Araras. Todos foram colocados numa cela onde mal cabiam quatro pessoas. Havia apenas uma beliche, em péssimo estado de conservação. Logo na primeira noite, o beliche quebrou. Os militares, temendo que algum deles se suicidasse, retiraram de todos os cordões dos sapatos, gravatas, cintos e outros objetos cortantes.

Depois de permanecerem incomunicáveis por uma semana, o comandante do 5º GECAM, coronel Rubem Restel, pediu ao então prefeito de Piracicaba, Cássio Paschoal Padovani, que fosse a Campinas, acompanhado de dona Ladice. Perante o Prefeito e da mulher de Salgot, desculpou-se, dizendo que tudo não passava de um "lamentável equívoco". Salgot diz que nenhum dos presos foi ouvido durante os dias de cativeiro e, assim como foram presos, voltaram para suas casas, sem saber os motivos da detenção.

O político piracicabano mantém na memória o fato de o Prefeito de Campinas, à época, ser o atual governador do Estado, Orestes Quércia. "Ele era muito ligado aos militares, naquele tempo", comenta. Sobre seus inimigos daquela época, Salgot tem uma opinião: "os adversários daqueles dias, não os inimigos de ho-